ABSTRACT: *In this article the attention is it drove to Porto Alegre in the last times of the century XIX and beginnings of the century XX. A city without galleries or museums, where the only events artistic colective are the sections of included plastic arts, as accessory, in the commercial and industrial exhibitions of 1875, 1881 and 1901, and where the first art exhibition, only happens in 1903.*

KEY WORDS: Porto Alegre, visual arts, art exhibition.

RESUMO: *Neste artigo, a atenção é dirigida à Porto Alegre no último quartel do século XIX e início do século XX. Uma cidade sem galerias ou museus, onde os únicos eventos artísticos coletivos são as seções de artes plásticas incluídas, como acessório, nas mostras comerciais e industriais de 1875, 1881 e 1901, e onde o primeiro salão só ocorre em 1903.*

PALAVRAS-CHAVE: Porto Alegre, artes visuais, exposições.

FLÁVIO KRAWCZYK

Arte incidental - as mostras de artes plásticas em Porto Alegre entre 1875 e 1903

A fim de compreender as dificuldades enfrentadas pelos artistas em Porto Alegre no último quartel do século XIX e início do século XX, convém um esforço prévio de visualização do momento histórico da cidade.

Na segunda metade do século XIX, Porto Alegre agrega no seu mapa inúmeros equipamentos e instituições. O primeiro Banco e o Theatro São Pedro são inaugurados em 1858. Dez anos depois, surge o Partenon Literário, uma sociedade de intelectuais com profícuas atividades nos âmbitos cultural e político (divulgação de ideais abolicionistas e republicanos), chegando a editar, até 1879, uma revista.

Situados na extremidade inferior da estrutura social, aos negros é permitido, a partir da lei de emancipação gradual de 1871 (Lei do Ventre Livre), o estabelecimento de associações. Surge a Floresta Aurora, ainda hoje existente e uma das mais antigas sociedades porto-alegrenses.

Em 1870, o Mercado Público abre suas portas à população, incorporando-se definitivamente ao coração da cidade. No mesmo ano inicia a iluminação pública a gás. É, portanto, uma década de sucessivos melhoramentos infraestruturais na cidade (estrada de ferro Porto Alegre-São Leopoldo, criação da Companhia Carris de Ferro Porto-Alegrense, com veículos de transporte

à tração animal), de constituição de espaços coletivos de lazer (os primeiros hipódromos, o Circo de Touros nos Campos da Redenção) e de desenvolvimento da cultura erudita (a Casa de Livros, origem da Biblioteca Pública, aberta em 1877).¹

Mas, a população de Porto Alegre, embora em vertiginosa ascensão, se limita a quarenta e quatro mil habitantes, em 1875.² A cidade não possui galerias de artes plásticas ou museus. A bem da verdade, as *exposições* limitam-se à colocação de trabalhos nas vitrinas das principais lojas da Rua da Praia.

ARTE AO GOSTO DO FREGUÊS

Quando na *Exposição Comercial e Industrial*, em maio de 1875, uma seção é destinada às obras de arte, algo inusitado se apresenta aos porto-alegrenses. Esta seção, entretanto, é incidental, acessória ao tema principal: o desenvolvimento econômico da província. Mas é importante notar como o fato de dezenove artistas e amadores exporem sessenta e cinco obras já revela uma produção plástica considerável, seja de produtores locais, seja de outras províncias, formados pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, ou mesmo de estrangeiros aqui domiciliados.

Dos dezenove expositores de artes plásticas de 1875, apenas sete são

profissionais, constituindo-se o restante de amadores, com trabalhos diversos, desde aquarelas até encadernações. Entre os profissionais destacam-se os pintores Antônio Cândido de Menezes, porto-alegrense formado pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, e o italiano Bernardo Grasseli, domiciliado em Porto Alegre desde 1853. Na escultura, os trabalhos de Adriano Pittanti e da Companhia de Mármore de Encruzilhada (sem referência a nomes individuais) foram os únicos presentes, embora neste período já existisse uma quantidade razoável de escultores na cidade elaborando trabalhos de arte cemiterial e de ornamentação. Por último, dois fotógrafos locais se fazem presentes: Luiz Terragno e Mme. Reeckel.³

A *Exposição Comercial e Industrial* de 1875 proporciona, entre produtos de todo tipo, a primeira experiência coletiva de artes plásticas em Porto Alegre. E se nela se integram, sem maiores critérios, trabalhos de amadores aos de profissionais, isto se deve à insipiência do campo artístico numa jovem cidade, cuja própria economia ainda não criou condições plenamente satisfatórias para o seu desenvolvimento pleno.

São ensaios. As primeiras manifestações plásticas organizadas em Porto Alegre, auspiciadas por um desenvolvimento econômico em gênese. Gradativamente, as estradas de ferro e o

transporte fluvial se encarregam de escoar a produção oriunda do interior do Rio Grande do Sul. Aumenta, portanto, o comércio e ocorre o crescimento demográfico dos núcleos urbanos. Sinal evidente de modificações econômicas na província a partir de meados do século XIX. É nessa medida, enquanto provas concretas do engatinhar econômico da província, que se deve compreender as exposições gerais de 1860,⁴ 1866,⁵ 1875 e 1881, sendo que somente nas duas últimas ocorrem seções destinadas às artes plásticas.

Qual é o papel do artista neste período? Athos Damasceno descreve com precisão o tipo de atuação reservada a esses profissionais:

“Na última vintena do século, alguns ateliers locais hão de arejar-se e ensolarar-se. Mas, até aí, como já se disse, pintor que não pintasse retratos para salas de visita e salões de honra de instituições pias ou escultor que, com os olhos voltados para o cemitério, não se fizesse marmorista, dificilmente aqui se manteria.”⁶

O trabalho é limitado à restrita demanda de retratos e escultura ornamental, não havendo, portanto, um mercado verdadeiramente estruturado para obras de arte em geral. Situação diferente ocorre na capital do Império, Rio de Janeiro, onde, em 1870, já existem *9 casas de quadros, gravuras e estampas*.⁷

A EXPOSIÇÃO BRASILEIRO-ALEMÃ

Na *Exposição Brasileiro-Alemã de 1881* - também de caráter predominantemente comercial, agropecuário e industrial - temos a segunda mostra coletiva de artes plásticas em Porto Alegre, em uma seção a elas destinada. As obras levadas a público são heterogêneas, abrangendo desde pintura, desenho, escultura ornamental e fotografia, passando pela marcenaria, tornearia, por *trabalhos manuais* (como bordado sobre papel, navio em miniatura) executados pelo *belo sexo* ou por *cavalheiros diletantes*, e até pelo artesanato indígena.

Esta ausência de critérios na seleção dos trabalhos, revela as dificuldades na educação artística numa província onde não há uma escola de artes plásticas e são escassas as oportunidades de contato com a produção de profissionais consagrados. Caso fossem aplicados critérios rigorosos, haveria uma quantidade ínfima de expositores, não ocorrendo o estímulo visado pelo evento.

Assim, a mostra de 1881, apesar de conceder premiações, não pode ser efetivamente considerada um salão e sim apenas um conjunto heterogêneo de obras plásticas elaboradas por rio-grandenses, em meio a produtos de todo tipo. Destacam-se, todavia, alguns artistas de maior fôlego.

É o caso de Pedro Weingärtner. Com 28 anos de idade, o jovem pintor

porto-alegrense envia para o certame oito peças da Alemanha, onde aprofunda seus estudos. Tratam-se de dois retratos a creiom (dos imperadores D. Pedro II e Guilherme I) e oito quadros a óleo, os *Estudos Fisionômicos*.⁸ No catálogo da Exposição, Weingärtner recebe um entusiasmado comentário, onde é comparado a Rembrandt:

“Os dez quadros (...) chamam sobre si a atenção de todos aqueles que os contemplam de passagem; eles revelam no seu autor uma vocação decidida, talvez mesmo um gênio ainda em embrião. Os retratos dos dois monarcas estão admiráveis de semelhança; mas os estudos fisionômicos, em nossa fraca opinião, lhes levam a palma. Este rosto de mulher em claro escuro, a clareza dos contornos na sombra, e a expressão dessas diferentes fisionomias nos fazem lembrar o pincel inspirado de Rembrandt, o grande mestre da escola holandesa.”⁹

Também na pintura, o nome de Frederico Trebbi é destaque. Nascido e diplomado em Roma, Trebbi, desde 1869, está estabelecido no Rio Grande do Sul. Apresenta um retrato a óleo de Carlos Von Koseritz. Aliás, este retrato é objeto da primeira polêmica em concurso de artes plásticas em Porto Alegre. Tendo sido classificado e premiado equivocadamente em *fotografia iluminada*, Trebbi recusa o prêmio, questionando a seriedade do júri de Belas Artes.¹⁰

Outro nome destacado na pintura porto-alegrense é o alemão Balduino Röhrig. Na província desde 1865, Röhrig, que, além de pintor, é fotógrafo e litógrafo, traz ao certame um retrato a óleo e um quadro com retratos fotográficos.¹¹

No grupo de fotógrafos constam seis expositores de Porto Alegre e do interior, com inúmeros trabalhos. Pode surpreender, a princípio, a presença da fotografia numa seção destinada às belas artes, pois geralmente a expressão belas artes designa pintura, escultura e arquitetura. Mas esta abertura não se limita à fotografia, estendendo-se, como vimos, aos trabalhos manuais, à marcenaria e à tornearia. Tal fato decorre da insipiência do campo artístico na província, verificável na ausência de um mercado forte e de um ensino institucional.

Uma última referência se faz necessária quanto à escultura ornamental. O marmorista italiano Adriano Pittanti recebeu a medalha de ouro nesta mostra com um *lavatório-toalete de mármore (pedestal, mesa, bacia, colunas e moldura para espelho)*.¹² A simbiose entre o caráter utilitário e ornamental das peças responde ao mercado atendido pelos escultores locais.

Ao arrolarmos estes pintores, fotógrafos e escultores, fornecemos uma visão parcial sobre a exposição a partir dos trabalhos mais reconhecidos na época. Entretanto, os profissionais

dividiam os espaços com amadores, artífices, artesãos e os indígenas. Estes últimos considerados resíduos da arte primitiva em plena era neoclássica.

Convém lembrar, como o período monárquico brasileiro (1822-1889) caracteriza-se pela assimilação do neoclassicismo importado. Desde a vinda da Missão Francesa (1816), trazida por Dom João VI, e do posterior funcionamento da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, na década de 1840, se firma tal estilo em contraposição ao barroco colonial. A Academia Imperial - principal instituição de ensino artístico no Brasil da época de Dom Pedro II, com o advento da República, passa a denominar-se Escola Nacional de Belas Artes. Ainda se conservará, entretanto, “fiel aos mesmos princípios estéticos no correr da Primeira República (1889-1930)”.¹³

O ESPETÁCULO DA REPÚBLICA

Em 1901, ocorre mais uma edição da *Exposição Comercial e Industrial*. Embora sob o signo da República, é bom frisar, mantém-se o espírito neoclássico que vigorou durante todo o Segundo Reinado (1840-1889).

O objetivo principal da *Exposição* de 1901 é apresentar, num espetáculo de produtos organizados em engalonados pavilhões, os frutos do progresso promovido pela República. A

própria data de abertura da mostra, 24 de fevereiro, é significativa. Corresponde ao aniversário da primeira Constituição republicana.¹⁴

Um dia antes da abertura oficial da mostra, e após uma pequena descrição sobre a mesma, o jornal *A Federação* lança um convite:

“Quereis conhecer mais benefícios decorrentes das instituições republicanas da Nação e do regime estadual? Ide ver a Exposição.”¹⁵

A mostra abriga, como as anteriores, produtos industriais, agrícolas, comerciais, científicos e artísticos. O segmento artístico está organizado em duas salas, ambas na Escola de Engenharia, transformada em pavilhão central e entrada da mostra estadual.¹⁶

Embora ainda não se possa falar em um sistema das artes plásticas consolidado, os números fornecem um interessante retrospecto da evolução da produção plástica no Estado. Se na mostra de 1875 foram 19 expositores de artes plásticas (dois dos quais empresas) e na de 1881 foram 46 (sendo quatro deles: uma sociedade, duas empresas e uma comunidade indígena), na de 1901 comparecem em torno de uma centena de artistas.¹⁷

Na pintura, em 1901, concorrem onze profissionais com predomínio da técnica óleo sobre tela. *Hors-concours*,

acompanham estas obras, duas telas de Manoel Araújo de Porto Alegre.

São concedidos os seguintes prêmios: medalha de ouro a Pedro Weingärtner, medalha de prata a Romoaldo Pratti, medalhas de bronze a Angelo Fael e Trancozo, e menção a Francisco Mana. Entretanto, esta premiação não é consensual. O crítico Olintho de Oliveira, pertencente ao júri, posiciona-se contra a premiação de Weingärtner, pois este artista já está consagrado no país e no exterior, sendo injusto colocá-lo no mesmo páreo que iniciantes locais.¹⁸

A simbiose entre o caráter utilitário e ornamental das peças responde ao mercado atendido pelos escultores locais.

Podemos identificar, na postura de Olintho de Oliveira, um desejo de afirmação do crítico de arte (aliás, ele é o primeiro de Porto Alegre) legitimando/consagrando determinados

artistas iniciantes e não simplesmente reproduzindo uma legitimidade já instaurada. É bom frisar que Oliveira admira a obra de Weingärtner, a quem considera “o único mestre rio-grandense contemporâneo”.¹⁹ Não é esta a questão. Pretende o crítico consagrar novos valores. Mas é voto vencido e Weingärtner recebe a medalha de ouro.

Em pintura, predominam numericamente os amadores: são 43. Seus trabalhos são, como entre os profissionais, principalmente na técnica óleo sobre tela. Os temas mais recorrentes, por ordem de frequência, são paisagens,

retratos e flores/frutas. Convém assinalar, entre os amadores, a maior quantidade (60%) de mulheres do que homens. Ao passo que, entre os profissionais, só há homens.²⁰ Retrato de uma época em que às *moças de fino trato* e às *senhoras da sociedade*, convinha dedicar-se ao *belo* apenas em suas horas vagas. Mas nada de sério. Tornar isso um ofício escapa do modelo vigente.

Sobre o predomínio feminino, *A Federação* tece o seguinte comentário:

“Paira naquelas vastas salas da Escola de Engenharia a asa misteriosa e vaga de uma inspiração que nos infunde imediato conforto por que nos traz a certeza insofismável de que, ao lado das severas e rijas produções das indústrias metalúrgicas, pesadas como assombros, onde o gênio do sexo forte da nossa raça e do nosso povo destaca soberanamente, erguem-se como colunas feitas de gaze, sustentando abóbadas de ferro, os trabalhos do gênio feminino, em um concurso elegante para a vitória completa e final da nossa pequena pátria dileta e nobre.”²¹

Há várias leituras possíveis desta citação. Apenas dois aspectos mencionaremos, entretanto: a associação da inspiração artística ao gênio feminino, por um lado; por outro a do papel passivo da arte enquanto depositária do *conforto* (no sentido de consolo) necessário aos homens na dura era das máquinas.

Deslocando o foco, em outro momento, *A Federação* critica as temáticas exploradas pelos artistas:

“Na seção das Belas Artes, tão cheia de quadros, raros existem sobre assuntos rio-grandenses, de costumes ou trechos de nossa natureza. (...)”

Mesmo nos retratos, especialmente a óleo, não vemos o tipo rio-grandense bem representado, figurando, entretanto, retratos de estrangeiros mundanos.”²²

Esta colocação expressa o desejo de construção ideológica do regional, pouco freqüente, ainda, não só na pintura como na escultura. Nas dezenas de peças esculturais apresentadas, os principais temas são os motivos religiosos, mitologia greco-romana e objetos ornamentais (como compoteira, candelabro, vasos, floreira), executados, por ordem de incidência, em gesso, madeira, ferro e mármore. Das mais de setenta obras em escultura arroladas por Damasceno,²³ a maior parte das quais acompanhadas de descrição, apenas duas expressam temas regionais.

Da mesma forma que as exposições anteriores, a de 1901 também apresenta os chamados *trabalhos manuais*. A quantidade agora é bem maior, são sessenta e oito expositores, mais as alunas selecionadas dos colégios Cecília Corseuil du Pasquier e São José (São Leopoldo). As técnicas variam da porcelana pintada à ornamentação, pas-

sando por desenho, pintura, corte e costura, flores de cera e bordados.²⁴ Ou seja, aquilo que os jornalistas consideram *trabalhos de senhora*.²⁵

Neste evento de 1901 há uma organização considerável, não só na quantidade de peças expostas e no sucesso de público total da exposição - mais de cem mil pessoas -,²⁶ mas também na sistemática classificação estabelecida. Criam-se, a fim de julgar os trabalhos artísticos, seis comissões assim incumbidas: Desenho/Pintura, Escultura, Litografia, Tipografia, Encadernação e Fotografia. De certa forma, é um esboço de salão.

O SALÃO DA GAZETA

É realizado em 1903, na *Mostra Grupal de Artes Plásticas*, promovida pela *Gazeta do Commercio*, quando ocorre um evento especialmente destinado às artes plásticas. Ao contrário das mostras anteriores, cujo papel da arte era *acessório* à proposta original de divulgar os frutos agropecuários, comerciais e industriais do Rio Grande do Sul. Em 1903, são encarregadas duas comissões para julgar e premiar as obras, uma para pintura/escultura, outra para fotografia. Com certeza, é o primeiro salão de artes plásticas em Porto Alegre.

Os objetivos da mostra são revelados em várias oportunidades:

“(...) a nossa modesta exposição será uma homenagem prestada pela *Gazeta do Commercio*, à arte rio-grandense para solenizar a data da Constituição republicana brasileira.”²⁷

A intenção de *homenagear* a arte pressupõe a distinção dos produtores plásticos com relação à maioria da população. A arte, por esta lógica, é vista como uma atividade própria a uns poucos dotados de certo dom natural. A arte, como um campo sagrado, assim corrobora com uma estrutura social segmentada onde um dos signos de distinção é a familiaridade e/ou posse de obras reconhecidas.

Nas edições diárias da *Gazeta*, são arrolados todos os visitantes do dia anterior. Como uma coluna social, esse espaço notabiliza os visitantes que percorrem as salas da mostra. Neste ir e vir, provavelmente mais do que ver, é o ser visto que importa.

Por outro lado, a *Gazeta* se propõe a fomentar a divulgação e o aprimoramento do *gosto artístico* no Estado. Essa meta é atingida com a frequência de público - mais de dois mil visitantes em 24 dias -,²⁸ bem como com a venda de muitas obras. O público principal, provavelmente, é constituído pelas camadas médias e altas da estrutura social, denominadas pela *Gazeta* como *sociedade porto-alegrense*, a quem o periódico agradece por estar

“(...) transformando a nossa exposição artística em centro de reunião onde se

dão *rendez-vous* diários, alegres, ruidosos e chiques de todos aqueles que tem pela arte o culto que merece o Belo.”²⁹

O *culto ao Belo* revela o caráter sacramental imbuído ao ambiente de exposição e os *chiques rendez-vous* o papel das obras enquanto ícones de distinção social acessíveis a uma restrita parcela da população.

Nesta mostra, montada nas salas da redação da *Gazeta*, se apresentam ao público quase quatrocentas obras em pintura, escultura/talha e fotografia.³⁰ Apesar de muitas serem de dimensão reduzida, como a considerável parcela de fotografias, surpreende o afluxo de expositores, 45 no total. Há de se considerar, também, que a maior parte é constituída de amadores, não tendo ocorrido um processo seletivo para a participação.

Na pintura, dos 26 participantes, apenas um terço é profissional. Aliás, neste salão, os profissionais são considerados *hors-concours*, o que fica patente pela relação* dos premiados:

PINTURA	
Edília Azarini	Medalha de ouro
Alice Souza	Medalha de prata
Eduardo Abreu	Medalha de cobre
Francisco Mana	Menção honrosa
Etelvino Prado	Menção honrosa

FOTOGRAFIA

Lunara	Medalha de ouro
Ziul	Medalha de prata
Voigt	Medalha de cobre

*Extraída de DAMASCENO, *op. cit.*, nota 3, p.487.

Pintores como os porto-alegrenses Pedro Weingärtner e Libindo Ferrás, o rio-grandino Augusto Luiz de Freitas e os italianos De Martino e Pio Joris, certamente seriam premiados se levados à disputa. O mesmo ocorre em fotografia, onde o consagrado Virgílio Calegari não aparece entre os premiados, apesar de levar à mostra 117 trabalhos. Quanto à escultura, presume-se que não tenha ocorrido premiação devido a participação de apenas dois expositores, de estatuto também profissional.

Assim, verifica-se que as mostras de 1875, 1881, 1901 e 1903 representam as primeiras tentativas de esboçar eventos similares a, ou já com a forma de um salão em Porto Alegre, num momento em que o sistema das artes plásticas ainda não se constituía efetivamente, como se verá pelo interregno de mais de duas décadas sem outro concurso do gênero. Apenas em 1925, o chamado *Grupo dos Treze*, composto por artistas e intelectuais, organizará o *Salão de Outono*.³¹

PINTURAS LOCALIZADAS EM COLEÇÕES DE PORTO ALEGRE

MOSTRA	ARTISTA	DATA	TÉCNICA	DIMENSÕES	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
1881	Pedro Weingärtner	s/d	creiom	23,5 x 13,5cm	Estátua de D. Pedro II	APLUB
1901	Pedro Weingärtner	1896	óleo s/ tela	23 x 36cm	Bailarinas	IA
1901	Pedro Weingärtner	1897	óleo s/ madeira	27 x 58cm	Casa de Banho em Pompéia	APLUB
1903	Pedro Weingärtner	1894	óleo s/ madeira	18 x 27cm	Os Direitos Comprovados	APLUB
1901	Manuel de Araújo Porto Alegre	s/d	óleo s/ tela	106 x 85cm	Marechal Sebastião Pereira Pinto	MJC
1903	Augusto Luiz de Freitas	1903	pastel	20 x 28cm	Impressões de Monte Mário com Bois - Roma	APLUB
1903	Augusto Luiz de Freitas	1903	aquarela	18 x 30cm	A Barra do Rio de Janeiro	APLUB
1903	Augusto Luiz de Freitas	1903	óleo s/ madeira	26,5 x 41,5cm	Outono em Monte Mário	APLUB

APLUB - Pinacoteca da APLUB (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil).

IA - Pinacoteca Barão de Santo Angelo do Instituto de Artes/UFRGS.

MJC - Museu Júlio de Castilhos.

WEINGÄRTNER, Pedro. *Casa de Banho em Pompéia*. 1897. Óleo sobre madeira, 27 x 58cm. Pinacoteca da APLUB. Foto - Eduardo Aigner. Weingärtner conquista a Medalha de Ouro na Exposição Comercial e Industrial de 1901.

PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Marechal Sebastião Pereira Pinto*. [s.d.]. Óleo sobre tela, 106 x 85cm. Museu Júlio de Castilhos. Foto - Eduardo Aigner. (Esta obra é uma participação *hors-concours* na mostra de 1901.)

FREITAS, Augusto Luiz de. *A Barra do Rio de Janeiro*. 1903. Aquarela, 18 x 30cm. Pinacoteca da APLUB. Foto - Eduardo Aigner. (O rio-grandino Augusto Luiz de Freitas é um dos participantes *hors-concours* na mostra de 1903.)

NOTAS

¹Conforme MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993, p.63-85.

²*Op. cit.*, nota 1, p.75.

³Dados extraídos de DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)* (Contribuição para o estudo do processo cultural sul-rio-grandense). Porto Alegre: Globo, 1971, p.128-132.

⁴*Op. cit.*, nota 3, p.113.

⁵Referida em *A Federação*, 17/04/1901, p.1.

⁶*Op. cit.*, nota 3, p.245.

⁷DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção*. Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/1985. São Paulo: Perspectiva/Ed. da USP, 1989, p.44.

⁸Catálogo da Exposição Brasileira-Allema em Porto Alegre. Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (Brasil). Porto Alegre: Typographia da *Deutsche Zeitung*, 1881, p.247-248.

⁹*Op. cit.*, nota 8, p.248.

¹⁰*O Mercantil*, 14/01/1882, citado por DAMASCENO, *op. cit.*, nota 3, p.189.

¹¹*Op. cit.*, nota 8, p.319.

¹²*Op.cit.*, nota 3, p.193.

¹³*Op. cit.*, nota 7, p.4.

¹⁴Conforme é sublinhado em "A Exposição". *A Federação*, 01/02/1901, p.2.

¹⁵"Amanhã". *A Federação*, 23/02/1901, p.1.

¹⁶"A Exposição do Estado". *A Federação*, 19/02/1901, p.1.

¹⁷*Op. cit.*, nota 3, p.428.

¹⁸*A Federação*, 28/05/1901, p.1.

¹⁹*Op. cit.*, nota 18.

²⁰*Op. cit.*, nota 3, p.428-431.

²¹"Na Exposição". *A Federação*, 09/03/1901, p.1.

²²"A Exposição". *A Federação*, 27/03/1901, p.1.

²³*Op. cit.*, nota 3, p.431 a 434.

²⁴*Id. ibidem*, p.434 a 436.

²⁵Ver. em "Exposição do Estado". *A Federação*, 18/02/1901, p.1.

²⁶"A Exposição". *A Federação*, 03/06/1901, p.1.

²⁷*Gazeta do Commercio*, 21/02/1903, p.2.

²⁸"Galeria de Arte". *A Gazeta do Commercio*, 23/03/1901, p.1.

²⁹*A Gazeta do Commercio*, 09/03/1903, p.1.

³⁰A *Gazeta do Commercio* publica, de 11 a 30/03/1903, uma série de artigos, assinados pelo seu diretor Arthur Pinto da Rocha, nos quais são relacionadas as obras presentes na mostra, bem como muitas delas são descritas em tom excessivamente elogioso.

³¹KERN, Maria Lucia Bastos. *Les Origines de la Peinture "Moderniste" au Rio Grande do Sul - Bresil*. These pour le Doctorat de 3e Cycle. Universite de Paris I - Sorbonne, 1981, p.41-48. Conforme a autora, no início dos anos 20, em Porto Alegre, o café-restaurant Antártica e a loja Jamardo são os pontos de encontro de alguns intelectuais e artistas (entre os quais Libindo Ferrás, Affonso Silva e Fernando Corona). Em 1924, o pintor carioca Hélios Seelinger, contratado pelo governo gaúcho para executar quadros históricos, passa a participar destes encontros, onde percebe as dificuldades dos artistas e a ausência de eventos de artes plásticas em Porto Alegre. Então, Seelinger tem a idéia de se realizar o *Salão de Outono*. Com este objetivo nasce o *Grupo dos Treze*, "organizado por membros de profissões heterogêneas - oito artistas -, dos quais seis pintores e o resto de profissões diferentes", que durará somente até a realização do *Salão de Outono*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUM de Photographias dos Pavilhões, Jardins e outras construções da Exposição de 1901. (Exemplar localizado no Museu Joaquim José Felizardo)

CATÁLOGO da Exposição Brasileira-Alemã em Porto Alegre. Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (Brasil). Porto Alegre: Typographia da *Deutsche Zeitung*, 1881. (Exemplar localizado na Biblioteca Pública do Estado)

CATÁLOGO da Exposição de 1901 em Porto Alegre. (Exemplar localizado na Biblioteca Pública do Estado)

BULHÕES, Maria Amélia (org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: Pesquisas Recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1995. (Coleção Visualidade; p.1)

DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)* (Contribuição para o estudo do processo cultural sul-rio-grandense). Porto Alegre: Globo, 1971.

ENCICLOPÉDIA Rio-grandense. Porto Alegre: Sulina, 1968. Vol. 2.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

GASTAL, Susana de Araujo. *Imagens e Identidade Visual: A Sistematização Formal e Temática da Pintura em Porto Alegre. 1891-1930*. Dissertação de Mestrado, IA/UFRGS, 1994.

KERN, Maria Lucia Bastos. *Les Origines de la Peinture "Moderniste" au Rio Grande do Sul-Bresil*. These Pour le Doctorat de 3e Cycle. Universite de Paris I - Sorbonne, 1981.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993. (Síntese rio-grandense; 10)

PERIÓDICOS (pesquisados no Arquivo Histórico de Porto Alegre M. Vellinho):

A FEDERAÇÃO: de 07/01/1901 a 04/06/1901.

GAZETA DO COMMERCIO: de 16/02/1903 a 31/03/1903.